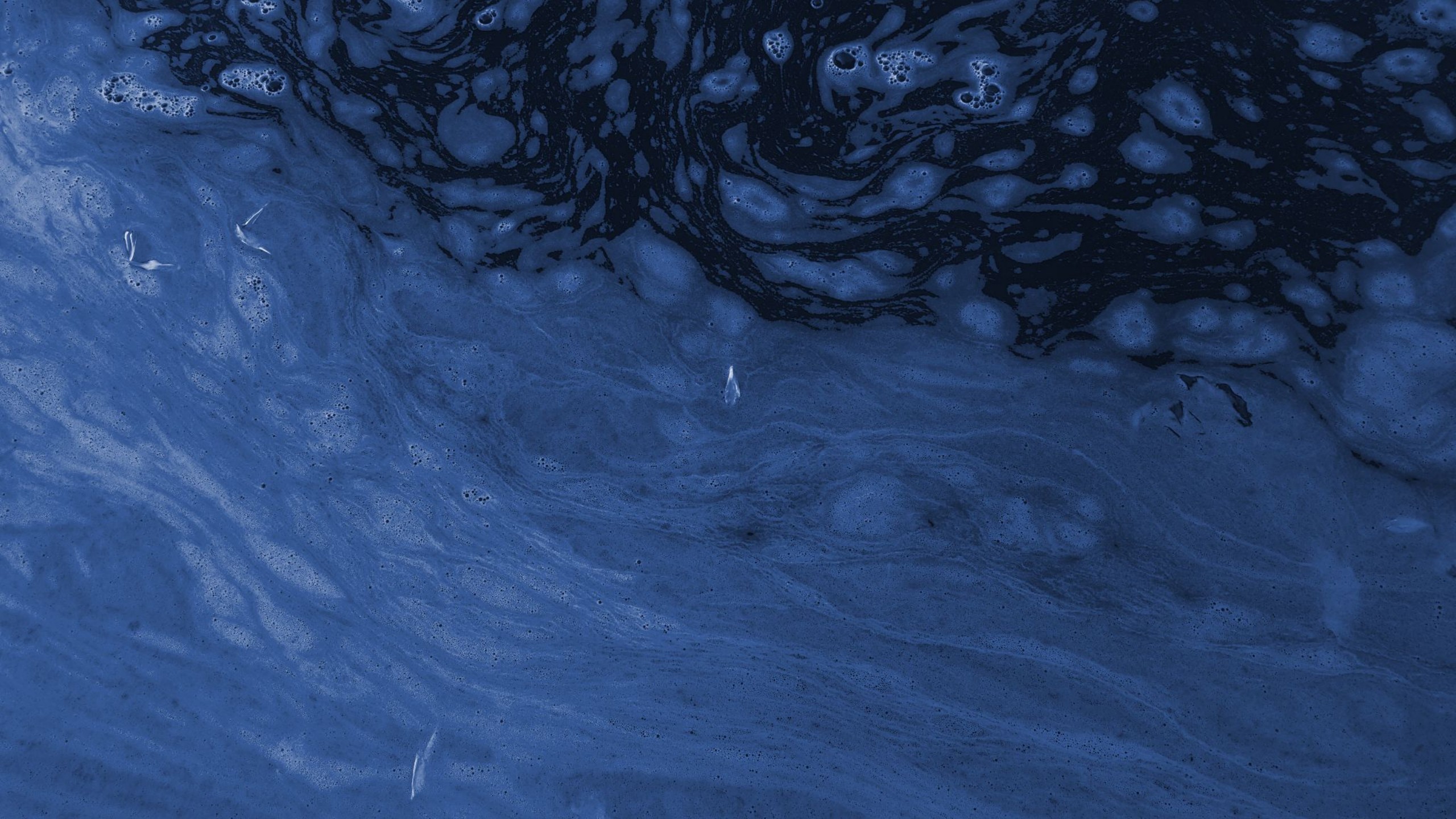


**SOU
RIO**





SOU RIO

Henrique Cesar Paranhos Martins

Adriana Abadia Amaral

Angelina Rosa Marques

Keyme Gomes Lourenço

Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho



Isso que chamam de natureza deveria ser a interação do nosso corpo com o entorno, em que a gente soubesse de onde vem o que comemos, para onde vai o ar que expiramos. Para além da ideia de ‘eu sou a natureza’, a consciência de estar vivo deveria nos atravessar de modo que fôssemos capazes de sentir que o rio, a floresta, o vento, as nuvens são nosso espelho na vida.

Krenak, 2020, p. 99-100

Entre as margens do Córrego Lagoinha, no Parque Santa Luzia, em Uberlândia, o caminhar se transforma em escuta. Ali, entre sombras verdes, folhas e caminhos de terra, a água segue seu percurso silencioso, revelando uma história que corre junto com seu fluxo. O córrego nasce tímido, um fio de água que aprende a respirar entre pedras e margens, desenhando curvas que guardam memórias do tempo, das chuvas e das secas. Em seu caminho, carrega sementes, segredos e histórias que atravessam a paisagem.

Ao redor, a cidade se aproxima. Ruas, cercas e contornos humanos delimitam o espaço do rio, moldando sua presença dentro do território urbano. Ainda assim, entre esses limites, o parque surge como um respiro verde. A mata permanece viva: pássaros ecoam entre as árvores, animais percorrem discretamente o chão coberto de folhas e a vida insiste em permanecer, mesmo quando cercada pelas transformações da cidade.

Mas o rio também revela suas feridas. Entre a vegetação e as margens, surgem vestígios de lixo descartado e sinais de uma água que já não corre tão clara. O odor e a coloração alterada denunciam marcas deixadas pela presença humana. Entre folhas e resíduos, natureza e descarte se misturam, lembrando que o ambiente guarda tanto a beleza da vida quanto as consequências do descuido.



Nessa paisagem, o olhar humano também aparece. Há quem passe sem enxergar, incapaz de perceber a beleza ou compreender os sinais de fragilidade do lugar. Há também quem escute o som da água como música, reconhecendo no correr do córrego um ritmo antigo, quase como se a própria paisagem cantasse. Mapas, caminhos, plantas e animais compõem uma rede de relações que revela o rio como parte viva da história do território.

Mesmo cercado por limites e atravessado por marcas do tempo, o Lagoinha continua a fluir. Em sua corrente, a água dança, resiste e se transforma, lembrando que o córrego é mais do que um curso d'água: é identidade. Identidade da paisagem, da vida que ali persiste e das histórias que se entrelaçam entre natureza e cidade.

Entre sombras verdes, o córrego segue correndo. Turvo em alguns trechos, ferido em outros, mas ainda vivo. Em seu fluxo silencioso, ele parece pedir apenas que seja sentido. Que sua voz de água seja ouvida entre o ruído da cidade. Que sua presença seja lembrada. E que seu caminho continue a existir, livre para seguir adiante, carregando consigo a memória viva daquele lugar.



SOU

Entre as margens do Córrego Lagoinha, em Uberlândia, caminhamos devagar,
seguindo o caminho da água
e guardando em fotos
os rastros do córrego...
Mas suas águas já não eram claras:
na cor e no odor
o córrego revelava suas feridas,
carregado de lixo
e silêncios humanos.
Ainda assim, a mata cantava.
Pássaros ecoavam entre as árvores,
animais se moviam entre as folhas,
e a vida insistia em permanecer.
E parecia que o córrego nos falava:
mostrava sua beleza,
mas também sua dor
como quem pede, em voz de água,
para não ser esquecido
e para não morrer.

SOU PARQUE

O PARQUE

*Entre eles, asfalto, concreto, sou
aprisionado...*

*Verde, ver, marcado, demarcado
pela ação deles...*

*Meu mundo aberto, para entrar e
sair de mim....*

Porque sou parque!

*Sou conservação, sou para planta,
sou verde ...*

*Verde nas memórias, verde nas
escritas... Para ver...*

*Sou para falar que sou, sou área
verde a eles...*

O CÔRREGO

*A mãe me deu a luz...
Entre o campo e a veredinha...
Lagoinha...*

*Ooo Lagoinha, meus pais, Raul Pereira e
Ana Cardoso, me chamam e me cercam...
Cerca, molda, me torna em parque...*

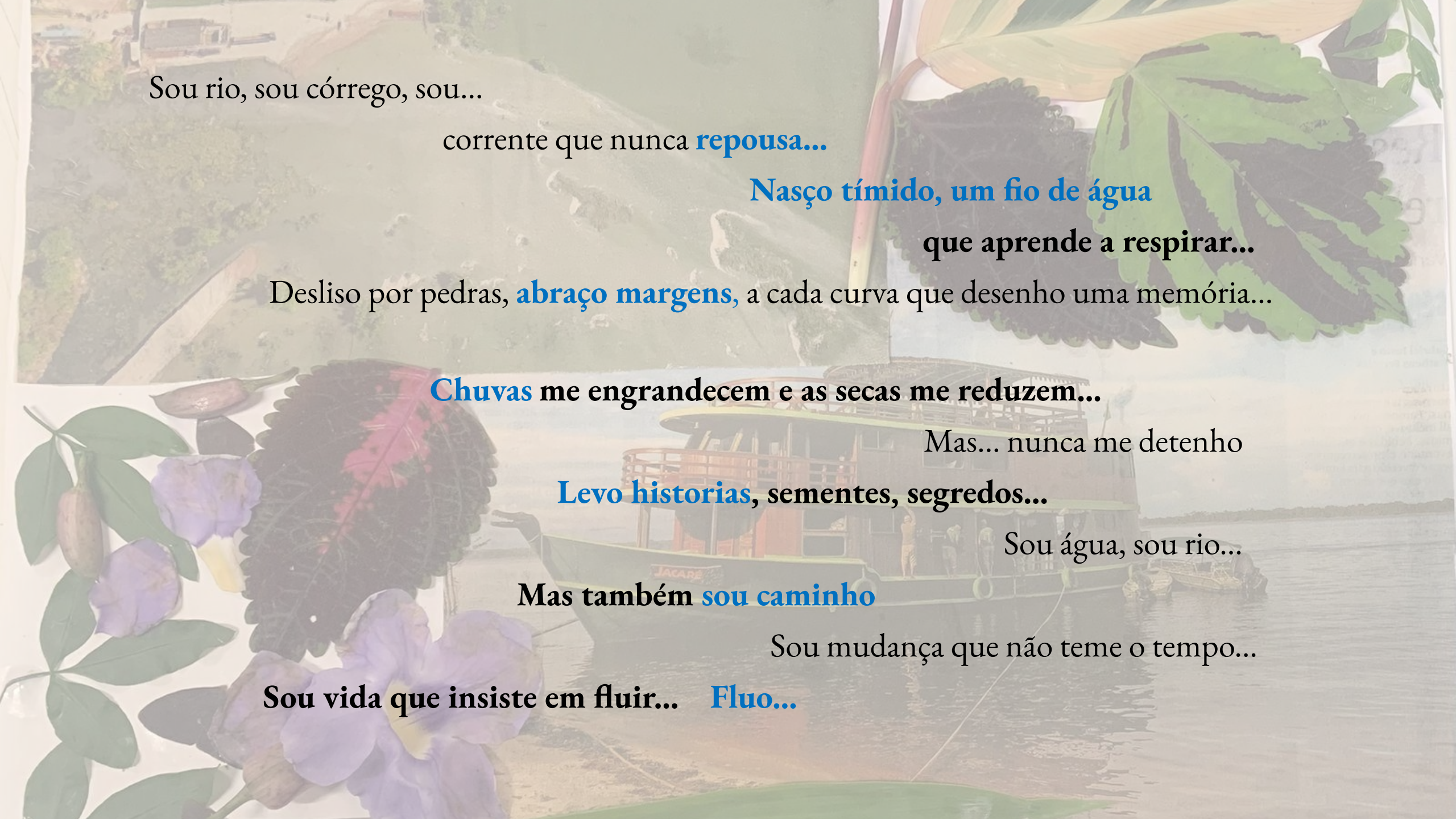
*Parque ao qual sou livre dentro dos
contornos...*

Além, sou eu, sou o fluxo...

Sou a natureza...

SOU ÁGUA





Sou rio, sou córrego, sou...

corrente que nunca **repousa...**

Nasço tímido, um fio de água

que aprende a respirar...

Desliso por pedras, **abraço margens**, a cada curva que desenho uma memória...

Chuvas me engrandecem e as secas me reduzem...

Mas... nunca me detenho

Levo histórias, sementes, segredos...

Sou água, sou rio...

Mas também **sou caminho**

Sou mudança que não teme o tempo...

Sou vida que insiste em fluir... **Fluo...**



**SOU
CORRENTE**



Entre o mato...

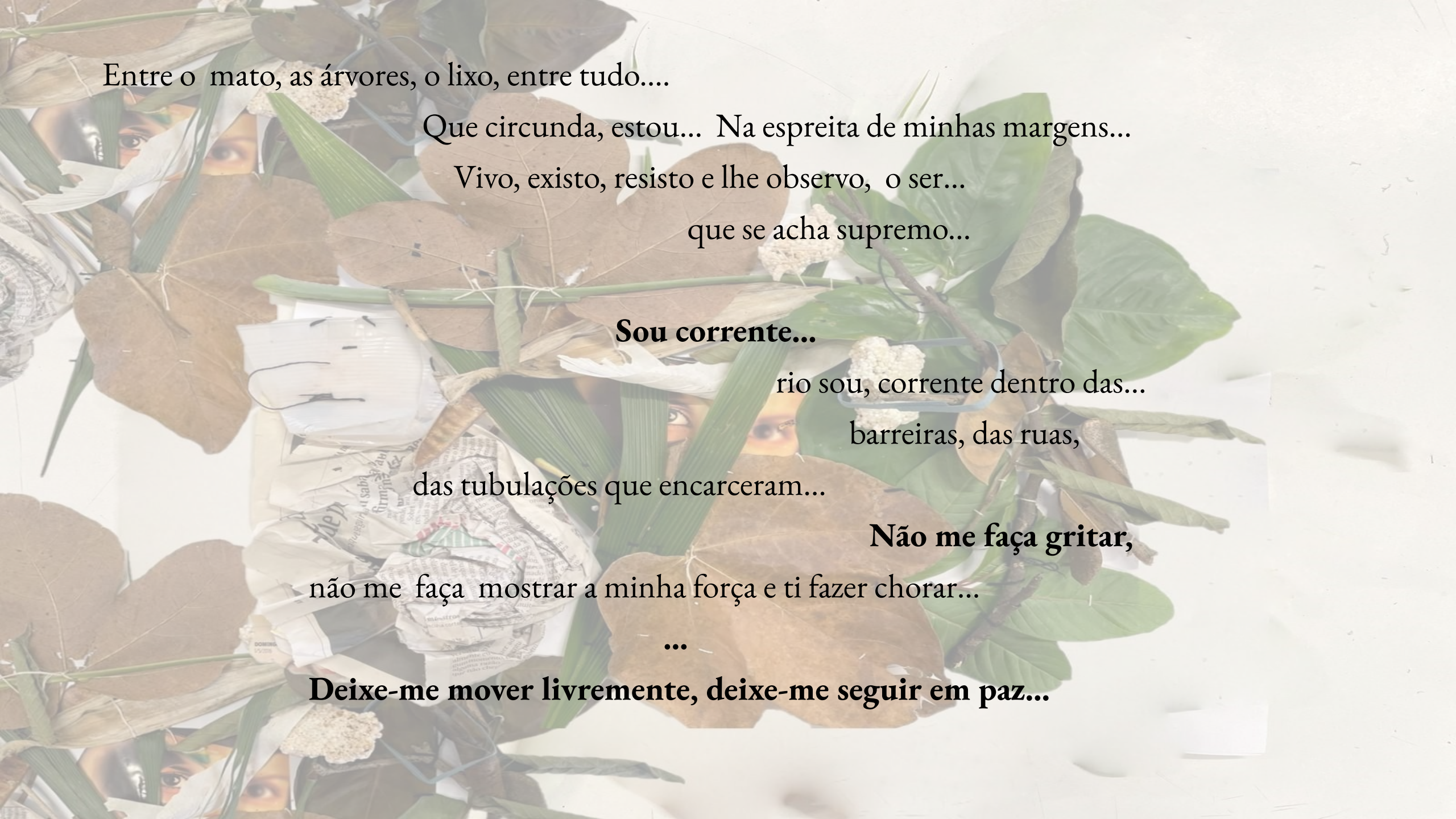
Vivo, existo...

Sou corrente...

Rio sou...

Não me faça...

Deixe me mover...



Entre o mato, as árvores, o lixo, entre tudo....

Que circunda, estou... Na espreita de minhas margens...

Vivo, existo, resisto e lhe observo, o ser...

que se acha supremo...

Sou corrente...

rio sou, corrente dentro das...

barreiras, das ruas,

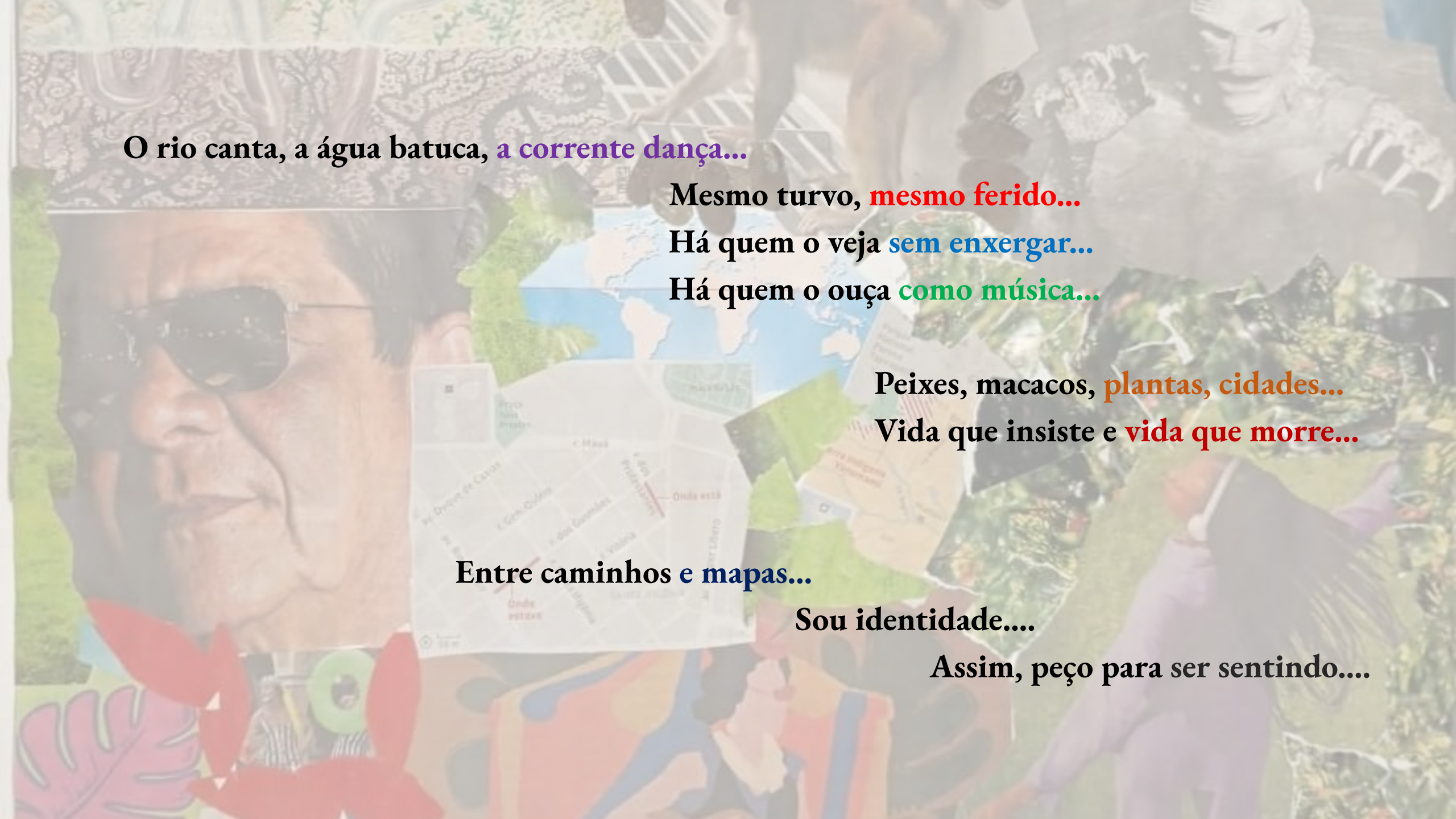
das tubulações que encarceram...

Não me faça gritar,

não me faça mostrar a minha força e ti fazer chorar...

...

Deixe-me mover livremente, deixe-me seguir em paz...



O rio canta, a água batuca, **a corrente dança...**

Mesmo turvo, **mesmo ferido...**

Há quem o veja **sem enxergar...**

Há quem o ouça **como música...**

Peixes, macacos, **plantas, cidades...**

Vida que insiste e **vida que morre...**

Entre caminhos e **mapas...**

Sou identidade....

Assim, peço para ser sentindo....

SOU FOTOGRAFIA

Entre sombras o
córrego corria...





O sussurro delas desce pelas pedras e forma corredeiras que fazem música e, nessa hora, a pedra e a água nos implica de maneira tão maravilhosa que nos permitem conjugar a nós: nós-rio, nós-montanha, nós-terra. Nos sentimos tão profundamente imersos nesses seres que nos permitimos sair de nossos corpos, dessa mesmice antropomórfica, e experimentar outras formas de existir...

Krenak (2022, p.13-14)

Assim, sigo... Lagoinha

Referências

KRENAK, Ailton. A vida não é útil. Pesquisa e organização Rita Carelli. Companhia das Letras. São Paulo, 2020.

KRENAK, Ailton. Futuro ancestral. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

Mergulhos teóricos

ALMADA, Emmanuel Duarte; VENANCIO, Bruno. Pode a natureza falar? Perspectivas para uma educação ambiental multiespécie. Revista Interdisciplinar Sulear, ano 4, n. 9, 2021.

AMORIM, A. C. R. de, & FONSECA, F. S. R. da. Um currículo que guarde um pouco da terra nas mãos. Revista De Ensino De Biologia Da SBEnBio, 16(nesp.1), 1189–1208.
<https://doi.org/10.46667/renbio.v16inesp.1.1063>, 2023.

CAMARGO, Fernando Monteiro; MONTENEGRO, Susana Maria Gico Lima; SALES, Tiago Amaral; MAUS, Liliaan; DIAS, Susana. Revista ClimaCom – Manifesto das águas [online], Campinas, ano 12, n.28, 2025.

COCCIA, Emanuele. Vocês estão surpresas em me ouvir falar? Cadernos Selvagem, 2025.
<http://selvagemiclo.com.br/cadernos/>.